

Flexo e o

Vilém Flusser

O impacto da "fase branca" da obra de Flexor sobre o espectador é demasiadamente violento e demasiadamente recente para permitir aquele recuo, (ôntica e éticamente tão problemático), que permita perspectiva. É verdade que toda a obra de Flexor, e mais especialmente aquele trecho que se inicia pelas "Aberturas" pode agora, subespécie da fase branca, parecer busca disto que estamos vendo, estupefatos. Como o acumular-se de nuvens no horizonte e seus avanços dramáticos e concêntricos pode, subespécie do relâmpago, parecer busca da descarga. De maneira que, se termos acompanhado o espetáculo variado e aparentemente auto-suficiente das nuvens, deveríamos ter antecipado o relâmpago como desfêcho implícito. Mas desenvolver da ação toda a ação o relâmpago antecipado não deixa de ser relâmpago fulgurante. E as telas agora expostas na "Documenta" não deixam de fulminar por mais que queiramos insistir na sua gestação lenta e disciplinada no decorrer de toda a obra de Flexor. De forma que uma contemplação calma, e uma interpretação fria, dessas telas deverá ser necessariamente relegada para o futuro. Não se faz crítica, quando se vê o novo. Não se mede nem se pesa quando se vê grandeza. Agradece-se. Agradece-se o fato de poder presenciá-lo. E é este o propósito deste artigo. Somos, nós do fim deste século, homens em crise. Desorientados no sentido orteguiano, procuramos ater-nos às coisas, a fim de encontrar-nos. Mas as coisas que nos cercam são escorregadiças, de tanto manipuladas e gastas. A elas não é possível ater-se. Carecemos de coisas novas. Não, por certo, de novidades, pois delas a nossa circunstância está cheia, e elas já nascem gastas e cansadas. Mas de coisas novas que permitam que sobre elas nos apolemos para que não nos percamos. Essas coisas são muito raras, e podemos chamá-las, sem pudor, "obras de arte". Tão raras são, com efeito, que muitos afirmam, e não sem razão, que a nossa desorientação se deve à sua falta. E esta afirmativa se quer radical: ou temos arte, ou estamos perdidos. E se encontrar-se em crise é encontrar-se mudado, depende da arte o novo homem. Reformulando a radicalidade: ou encontramos, apoiados sobre a arte, o novo homem, ou estamos perdidos. Daí a gratidão quando se dá, repentinamente, um ponto de apoio. Atendo-nos a coisas novas, como o são as telas de Flexor, sentimos não apenas chão debaixo dos pés, mas vislumbramos também, vagamente, o horizonte do nosso futuro.

Novo homem, (quem não sabe e quem não sente a carne?), é a morte do velho. E nós todos somos, por

mais "prá frente" que queiramos ser, o velho homem. A busca do Novo homem é pois o antigo imperativo "stirb und werde!" (morra para tornar-se). A busca é uma agonia. E o Novo homem é seu protagonista. Não é preciso ir até a Paixão na cruz para saber que a agonia da busca é apaixonante. Basta ir até o novo homem em Marx, em Nietzsche, e, para mencionar um exemplo recente, em Beckett. E Novo homem é sempre a morte do velho, e na nossa crise o velho homem é o homem do humanismo. O homem do humanismo, o homem que age e que decide, e que age e que decide seguindo, seus próprios modelos, é este o homem que está morrendo na atualidade. Em nada adianta querer minimizar essa morte por afirmativas do tipo "fim da idade moderna", ou "fim da burguesia", ou "fim dos valores". É a morte de tudo aquilo que somos. Olhem as telas de Flexor; se quiserem ver plásticamente essa agonia.

A morte do velho pode ser a descoberta do novo. Porque o velho encobre. O humanismo encobriu, durante quinhentos anos, com suas telas da razão e dos sentidos, o seu próprio fundamento. O fundamento do homem ficou, durante o humanismo, relegado ao esquecimento. A sua morte poderá revelá-lo. E ao revelá-lo, poderá fazê-lo resplandecer como novo, e enquanto novo. E esta a ação reveladora da arte. Poderá fazê-lo, mas não o faz necessariamente. A morte do velho pode ser também a descoberta da falta de fundamento. O humanismo pode, na decomposição das suas telas encobridoras, revelar também o abismo dentro do homem. Esta revelação negativa e maniqueística da redutibilidade ao infinito é a nossa ameaça, e que será a nossa perdição na falta da arte. É nessa situação que se dá a pergunta "Warum Dichter in duerftiger Zeit?" (Por que poeta em tempo carente?). As telas de Flexor são uma entre as raras respostas disponíveis.

Qual é a resposta de Flexor? Sem dúvida: ao tentar formulá-la em língua portuguesa, necessariamente modificarei, (e até certo ponto falsificarei), o sentido de uma mensagem que se dá em língua pictórica, isto é: em canal de estrutura e repertório quase totalmente distintos. Mas não é este o destino de toda mensagem: ser modificada, ao ser decodificada? Não é este o sentido do termo: obra aberta? Pois que a mensagem de Flexor sofra o seu destino.

O velho homem, que age e que decide, de acordo com seus próprios modelos, e que morre em nosso redor, dentro de nós, e nas telas de



Flexor, o homem da História, da Ciência e da Tecnologia, em suma, o "Homo faber", revela, pela sua decomposição, o seu fundamento de puras estruturas intercaladas, interferentes e isentas de sentido. E sobre esse fundamento se apoiará o Novo homem, que brincará com as regras, para brincar sabendo que brinca, que visará, não vencer nesse jogo, mas enriquecer o jogo, que será o homem da Arte num sentido do termo que a nós ainda está velado, em suma, o "Homo

Nóvo Ho mer



"Aquarela", 1968



"Oleo s/ tela", 1969

ludens". A motivação desse nóvo homem não será nem econômica, nem política, (nem fazer, nem poder), mas será artística, (jogar), num sentido apenas intuído vagamente. A bandeira de Masaryk continha o lema "ni zisk, ni slávu", (nem lucro, nem fama); O Nóvo homem terá, depois da decadência desses dois motivos, um outro. Visto assim, o jogo adquire as dimensões de uma nova religiosidade transumanística, uma religiosidade que talvez Kierkegaard anuncie.

Mas, se formulada assim, em que reside a diferença da resposta de Flexor daquelas dadas por Husserl, por Camus, e pelo estruturalismo, (para citar apenas uns poucos exemplos)? Nisto: que Flexor pinta. E isto altera totalmente a sua mensagem. (Embora não devamos necessariamente aderir ao slogan "The means is the message"). A catarse que antecede a morte do velho para descobrir o nóvo se dá, nos exemplos citados, como depuração do pensamento. É a "epoché" em Husserl, a decli-

são para o absurdo em Camus, a recusa de interpretar no estruturalismo. Mas em Flexor se dá na tinta. É a redução impiedosa da cor, não para o incolor, mas para a riqueza incrível da pobreza do branco. A morte do velho, que acompanhamos em pensamento nos exemplos citados, presenciámo-la imediatamente nas telas de Flexor. E, simultaneamente, vivenciamos o monumental, o colossal e o patético daquele homem que morre. Decomposto e putrefato, ainda assim provoca a nossa admiração e simpatia. Obviamente: nós somos ele. Diz-se que o homem engajado morreu na Espanha. E não: ainda está morrendo, aqui, nas telas de Flexor.

E já está nascendo, precariamente, nas mesmas telas, e talvez por causa disto também dentro de nós, o nóvo. Não necessariamente o Don Juan de Camus, embora necessariamente próximo seu parente. O sério jogador, o perfeito artífice, o dono absoluto da técnica, o artesão totalmente polido. A saber: o pintor perfeito. Mas um pintor que pinta, não para os contextos vizinhos ou longínquos, nem para vencer na pintura, mas para mudar a pintura, a fim de poder continuar pintando. "Ni zisk, ni slávu". E isto não é "l'art pour l'art", embora ecos do romantismo, dessa primeira crise do humanismo, sejam irreprimíveis. Isto é "l'art quand même, e pour rien du tout", e o motivo não é amor à arte, mas manipulação lúcida do pincel e das tintas. Não visam essas telas, nem serem obras perfectas, nem muito menos ter determinados efeitos. Visavam apenas, ao serem feitas, serem feitas. E se a despeito disto, e a despeito de si mesmas, conseguem mudar-nos, essa mudança em nós é obra nossa. É obra nossa porque somos, qual Flexor, homens em crise, e reconhecemos a nossa agonia nas suas telas. Apenas Flexor deu um passo a mais, e suas obras servem de apoio para nós. Não é isto que se diz quando se diz essa palavra tão gasta e repulsiva, e que custa sair da boca e das teclas da máquina: "genialidade"?

Há, entre as telas de Flexor, uma, que pode ser interpretada como um bicho-acossado. Desesperadamente olha para trás, com um olhar vazio. Nada o persegue. Está disposto a fugir desse nada. Mas ainda não começou sua fuga. Mas já perdeu o fôlego, está condenado. Mas assim mesmo fugirá, não pode haver dúvida quanto a isto. Os três "mas" são, creio, a descrição adequada da crise. Pô-los em três sentenças é fácil. Pô-los em tela, de modo que possam ser lidos, e ainda que possam não ser lidos, é iniciar a superação da crise. Desde que por "superação" não se entenda a articulação de um otimismo ululante. Mas a articulação de uma agonia que é a morte inevitável do velho homem, e o surgir possível, mas sempre problemático, do Nóvo Homem.